

THE SPACE BETWEEN US: DO AMPARO À OPRESSÃO

Sandra de Jesus dos Santos¹

It certainly is not possible for an artist to be distanced from the reality that surrounds him or her in any period of time². (NAIR, 2018)

Resumo: A literatura foi, por muito tempo, apenas fonte de entretenimento para pequenos grupos que possuíam educação, tempo e dinheiro. Principalmente, mediante a forma do gênero romance, a arte literária sempre atendeu e divertiu a classe média branca e com grande poder aquisitivo. No livro *The Space Between Us* (2006), *Thirty Umrigar* (1961) não revoga para si a legitimidade de uma voz que não é a sua nem as dores por ela não experimentadas, por isso ela traz núcleos sociais distintos que se imbricam na mesma trama. Se por um lado, tem-se a empregada doméstica Bhima, também residente de uma favela em Bombaim, seu marido Gopal, seus filhos vitimizados pela AIDS e uma neta adolescente grávida; por outro lado, também, a narrativa traz a patroa Sera, viúva de seu marido agressivo, Feroz, e sua filha Dinaz, grávida e casada com o jovem Viraf. O romance atualiza tensões históricas a respeito de castas e classes sociais. Ele mostra a hipocrisia das relações humanas e a polarização socioeconômica presente, não só na Índia, mas, infelizmente, em todas as partes do mundo.

Palavras-Chave: *Thirty Umrigar*. Índia. Romance Contemporâneo. Desigualdade Social.

Abstract: The literature was, for a long time, only a source of entertainment for educated small groups that had time and money. Mainly, through the romance genre, literary art has always served and entertained the white middle class. In the book *The Space Between Us* (2006), *Thirty Umrigar* (1961) does not revoke for herself the legitimacy of a voice which is not her neither the pains not experienced by her, that is why she brings different social cores that intermingle in the same plot. If on the one hand, there is the domestic worker, Bhima, also a resident of a slum in Bombay, her husband Gopal, her children victimized by AIDS and a pregnant teenager granddaughter; on the other hand, also, the narrative brings the employer Sera, widow of her aggressive husband, Feroz, and her daughter Dinaz, pregnant and married to the young Viraf. The novel updates historical tensions about castes and social classes. It shows the

¹ Professora de Língua Inglesa da Educação Básica (BA). Mestra em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia e doutoranda na mesma Instituição.

Email: sandraescrita33@gmail.com.

² "Certamente não é possível que um artista se distancie da realidade que o cerca em qualquer período de tempo" (NAIR, 2018, n.p. tradução minha).

hypocrisy of human relations and the socioeconomic polarization present, not only in India, but, unfortunately, in all parts of the world.

Keywords: Thirty Umrigar. India. Contemporary Novel. Social inequality.

Na literatura, o que, comumente, ocorria era a criação de narrativas feita por homens, cujas histórias tornavam-se um passatempo para muitas jovens e senhoras da classe média. Sendo, muitas vezes, o retrato do cenário histórico-cultural dos autores, os livros reproduziam e reproduzem ideias, crenças, comportamentos e conflitos próprios de sua época. Muitas dessas obras confirmavam os paradigmas sociais, apresentando personagens que faziam apenas o que deles era esperado e apresentando, também, situações que somente refletiam sua era sem qualquer problematização intencional. Todavia, algumas obras, através de narrativas críticas, eram capazes de contrapor o contexto social no qual foram escritas. Personagens heterogêneos e mais complexos confrontavam ideais aristocratas e colonizadoras, despertando, questionamento e criticidade.

Sabe-se, contudo, que o poder de escrita e o poder de publicação sempre ficaram concentrados nas mãos de poucos, os quais, em sua maioria, eram homens, brancos, ricos e heterossexuais. Diante deste quadro concentrado e hegemônico, havia poucas possibilidades de identificação por parte de muitos grupos sociais e, principalmente, por parte das minorias políticas. Ainda hoje, a busca pela representatividade identitária em todos os campos, inclusive, na literatura não cessou, porém a gama de produções de mulheres, negros, indígenas, periféricos e LGBTQI+ tem aumentado e isto é muito positivo. Em seu texto sobre o lugar de fala na literatura, a crítica literária brasileira, Regina Dalcastagné, salienta os problemas de representação em algumas obras nacionais. A pensadora questiona os estereótipos do negro e do pobre na ficção de Rubem Fonseca, valoriza a posição mais crítica de Clarice Lispector (1920-1977) ao conceber *A hora da Estrela* (1977) e aponta para a legitimidade política de vozes literárias como a de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), com *O quarto de Despejo* (1960) e a de Paulo Lins (1958) com *Cidade de Deus* (1997).

“Compared to poetry or drama, novel is considered the close portrayal of social representation.” (BHARATI, 2010, l, 786, n.p.). Esta afirmação pode parecer generalista, mas pode ser bem pertinente quando olhamos para o surgimento do gênero romance, cuja expressão revelava as sociedades do seu tempo, mediante os personagens bem construídos e ambientes bem descritos. O indivíduo da era moderna passa a ser o centro da ficção na tentativa de a arte imitar a realidade e o romance moderno, dentro da teoria ocidental, passa a representar o interior dos sujeitos e a complexidade do cotidiano. Tanto o caráter mimético quanto sua constante mutação, enquanto gênero literário, tornam o romance um grande espelho cultural, através do qual, podemos ter acesso a realidades plurais, individuais e coletivas de diversos povos.

A literatura indiana em língua inglesa vai surgindo no século XIX sob a influência europeia. Mas é na primeira metade do século XX que o gênero vai se consolidar no país com os autores R. K. Narayan (1906-2001), Mulk Raj Anand (1905-2004) e Raja Rao (1908-2006). Ainda na transição do século XIX para o XX, algumas mulheres poetas produziam seus versos em inglês, dentre elas Toru Dutt (1856-1877) e Sarojini Naidu (1879-1949). Autoras que não somente traziam reflexões sobre questões de gênero, mas também outros aspectos das comunidades indianas, inclusive, seu sonho de independência.

No âmbito dos romances, Kamala Markandaya (1924- 2004), Santha Rama Rau (1923-2009) e Anita Desai (1937) começaram narrativas que colocavam questões femininas em evidência, problematizando paradigmas patriarcais e mostrando o cenário indiano da época. E o fazer literário destas romancistas apontam para a “In post independence India, when education of women had already commenced, the New woman had started emerging”.⁴ (BHARATI, 2010, l, 81. n. p). Bharati destaca uma relação direta entre educação e o surgimento de uma nova mulher no contexto de Índia pós-colonial. O que levou, portanto, ao advento de muitas poetisas e romancistas indianas, contudo é preciso ressaltar que, as oportunidades educacionais não atingiram,

³ “Comparado à poesia ou ao drama, o romance é considerado o retrato mais próximo de uma representação social.” (BHARATI, 2010, l, 786, n. p. tradução minha).

⁴ “Na Índia pós-independência, quando a educação das mulheres já havia começado, a Nova mulher começou a emergir”.(BHARATI, 2010, l, 81. n. p. tradução minha).

de imediato, todas as mulheres da nação, restringindo este poder de fala e de alcance, inicialmente, às jovens e senhoras da elite e da classe média.

No romance *The Space Between Us* (2006), a escritora indiana, Thirty Umrigar (1961), não revoga para si a legitimidade de uma voz que não é a sua nem as dores por ela não experimentadas, por isso ela traz núcleos sociais distintos que se imbricam na mesma trama. Se por um lado, tem-se a empregada doméstica Bhima, residente de uma favela em Bombaim, com Maya, sua neta adolescente grávida; por outro lado, também, há a patroa viúva Sera, sua filha Dinaz, grávida e casada com o jovem Viraf. O romance atualiza tensões históricas a respeito de castas e classes sociais. Ele mostra a hipocrisia das relações humanas e a polarização socioeconômica presente, não só na Índia, mas, infelizmente, em todas as partes do mundo.

Embora a autora seja oriunda da classe média, consegue proporcionar uma história inquietante, capaz de fazer seus leitores se sentirem próximos dos sofrimentos de pessoas como Bhima e seu marido, Gopal que, ao mesmo tempo, são peças úteis para a prosperidade da máquina capitalista, e são, facilmente, descartáveis seja, pois, quando não possuem a mesma saúde de quando foram contratados ou por demonstrarem algum perigo para a grande torre moral e hipócrita de seus chefes. Ouve-se muito que todo trabalho é digno e que todos os seres humanos são iguais em dignidade, no entanto, quando os empregadores continuam vendo seus funcionários como peças insensíveis e substituíveis, situações desumanizantes se perpetuam por gerações e a humanidade parece caminhar para novas formas de naturalizar segregações, enfeitando-as com agrados esporádicos e materiais. O texto literário ultrapassa a fruição estética quando coloca em evidência questões sociais e humanas dentro das histórias fictícias que, em tese, não teriam obrigação de contê-las. Mas, em tese, muita coisa não deveria jamais acontecer.

Mesmo com estes dois núcleos pré-estabelecidos no livro, a autora parece querer dar um destaque para a protagonista periférica e, desse modo, no processo de leitura, é possível perscrutar as aflições e angústias de Bhima, uma mulher iletrada, mas trabalhadora e destemida. Não é por acaso que o romance começa e termina com a descrição das emoções da avó de Maya. A narrativa aponta para um ciclo de lutas interiores e exteriores que tende a

recomeçar a partir de dentro. A primeira frase da ficção é: “Although it is dawn, inside Bhima’s heart it is dusk⁵.” E a frase que fecha o livro é: “It is dark, but inside Bhima’s heart it is dawn⁶.”(UMRIGAR, 2006, p. 321). O que, de fato, importa é como está o coração de Bhima, ou seja, seu interior, sua psique diante de suas vivências nada fáceis.

A partir do desenrolar da trama, consegue-se perceber o porquê de o interior da protagonista está escuro e sombrio. Bhima vive em uma comunidade pobre, experimentando, cotidianamente, a simplicidade de seu lar e a precariedade de sua vida. Muitas vezes falta água e ela precisa economizar em atividades básicas como banho e limpeza de pratos e de roupas. Com seu emprego na casa de Sera, há muitos anos, ela sempre colaborou para o sustento de sua família e, depois, com a morte de sua filha e abandono de seu esposo, passou a se dedicar única e exclusivamente a sua neta Maya a qual veio viver com a avó ainda criança. A grande chaga, porém, no coração de Bhima, consiste no fato de sua neta, adolescente e universitária, estar grávida e se recusar a dizer a identidade do pai. A determinação e bravura desta senhora parece ruir, porque um futuro mais próspero e mais feliz, sonhado para sua neta, tornar-se-á, cada vez mais, inatingível. Agora é mais uma boca para alimentar e, quanto a Maya, menos uma mão para ajudar, pois a garota passa a maior parte do tempo em casa, a fim de esconder sua gestação dos vizinhos curiosos e de seus colegas da universidade. O último emprego de Maya foi tomar conta da sogra enferma de Sera.

Ao final do romance, tem-se acesso a uma Bhima também sofrida e com problemas, contudo com a sensação estranha e tão desejada de liberdade. Estava amanhecendo dentro da protagonista porque, pela primeira vez, ela estava conseguindo se enxergar para além de suas muitas responsabilidades acumuladas, para além de seu compromisso ou dívida com Sera, para além de seu emprego, tão devotado à vida dos patrões. Embora ela experimente, surpreendentemente, este sentimento de emancipação ao ser demitida do seu trabalho de longos anos, ela enxerga a realidade que permanece a mesma ou,

⁵ “Embora estivesse amanhecendo, dentro do coração de Bhima a escuridão permanecia.” (UMRIGAR, 2008, p. 13, tradução de Paulo Andrade Lemos).

⁶ “Está escuro, mas, dentro do coração de Bhima, o dia nasce.”(UMRIGAR, 2008, p. 409, tradução de Paulo Andrade Lemos).

de certo modo, pior, com uma casa para conduzir, uma neta para sustentar, novo emprego para procurar. Bhima percebe sua solidão mas também consegue vislumbrar a dignidade e a força que ainda lhe restaram.

Por meio de uma narrativa clara e atravessada por ricos diálogos, a autora propicia debates e análises sociais. O excerto que se seguirá é um exemplo de questionamento de posturas, culturalmente, naturalizadas e de confronto argumentativo entre gerações diferentes e visões de mundo distintas dentro de um mesmo núcleo familiar. Diraz, a filha de Sera, cresce, testemunhando o tratamento que seus pais sempre dispensaram à empregada doméstica, Bhima, juntamente com discursos generosos que revelavam um paradoxo existencial e uma antítese moral. Durante a infância, a garota de classe média não conseguia construir, robustamente, uma defesa para seu pensamento, mas demonstrava uma postura não discriminatória ao abraçar e conversar com a empregada. No entanto, ao crescer, tomou consciência do que, de fato, acontecia em sua casa e como as relações entre patrões e suas contratadas eram problemáticas e incoerentes em muitos lares indianos. Dentre uma das inúmeras vezes que Diraz interpelou sua mãe, tem-se o trecho seguinte:

'You tell all your friends that Bhima is like a family member, that you couldn't live without her', the teenage Diraz would rail. 'And yet she's not good enough to sit at the table with us. And you and Daddy are always talking about those high-caste Hindus burning Harijans and how wrong that is. But in your own house, you have these caste differences, too. What hypocrisy, Mummy'. 'Now, Dinaz, ' Sera would say mildly. 'I think there's a slight difference between burning a Harijan and not allowing Bhima to use our glasses. Besides, have you ever noticed the foul odor of the tobacco she chews all day long? Do you want her lips to touch our glasses?' 'But it's not just that, Mummy, you know it. [...] why won't you let her sit on the sofa or chairs? Or does Bhima have tobacco on her backside, also?' (UMRIGAR, 2006, p. 27).

⁷ “- Você diz a todas as suas amigas que Bhima é como um membro da família, e que você não poderia viver sem ela-alegava a adolescente.-Mesmo assim, ela não é boa o suficiente para se sentar à mesa com a gente. E você e papai estão sempre falando desses hindus de casta superior que queimam os *harijans*,

Embora ainda adolescente, Diraz toca em um ponto crucial da relação entre patroa e empregada: o fato de considerar a servente como um membro da própria família e propagar este discurso aos quatro cantos. Discurso este não só difundido entre as famílias, mas em vários países do mundo, inclusive aqui no Brasil. O filme *Que horas ela volta* (2015), protagonizado pela atriz e apresentadora nordestina Regina Casé (1954) e (dirigido pela roteirista e cineasta Anna Muylaert (1964)) trouxe, de forma elucidativa, a relação hipócrita de muitas famílias brasileiras com suas empregadas domésticas. E, também, anterior a esta produção fílmica, foi publicado o livro *The Help*⁸ (2009) pela norte-americana Kathryn Stockett (1969) e que, logo depois, foi adaptado para o cinema com um filme homônimo⁹ (2011), dirigido por Tate Taylor (1969) e protagonizado por grandes atrizes negras como Octavia Spencer (1970) e Viola Davis (1954). Apesar de alguns problemas nas histórias supracitadas, principalmente, no que tange a ajuda de uma mulher branca para a conscientização das empregadas negras no Mississippi dos anos 60 em *The Help*, essas produções artísticas ajudaram e ajudam a repensar as relações de violência implícitas dentro do âmbito doméstico, assim como a narrativa contemporânea da autora indiana Thrity Umrigar.

A adolescente confrontou sua mãe, mostrando o absurdo da incoerência entre sua fala e suas atitudes. Se Bhima era considerada um parente, por que tinha copos separados? Por que não poderia sentar no mesmo sofá que os membros da casa sentavam? Por que ela não poderia se sentar à mesa com os patrões para partilhar a refeição? Diraz, no fundo, sabia as respostas, mas quis fazer Sera repensar suas ações, apontando para a hipocrisia social da maioria das pessoas, as quais se sentem boas e generosas,

os intocáveis, e de como isso é errado. Mas na sua própria casa você impõe essas diferenças de castas. Que hipocrisia, Mamãe!

- Olhe, Dinaz-dizia Sera com suavidade.-Acho que há uma pequena diferença entre queimar um *harijan* e não permitir que Bhima use nossos copos. Além disso, você já notou o cheiro forte do tabaco que ela masca o dia inteiro? Quer que os lábios dela toquem nossos copos?

- Mas não é só isso, mamãe, e você sabe muito bem. Certo, se é por causa do tabaco, por que você não deixa ela se sentar no sofá ou nas cadeiras? Ou será que Bhima tem tabaco no traseiro também?" (UMRIGAR, 2008, p. 40, tradução de Paulo Andrade Lemos).

⁸ Publicado no Brasil em 2012 como *A Resposta* na tradução de Caroline Chang.

⁹ No Brasil, o nome do filme foi adaptado para *Histórias Cruzadas*.

ao mesmo tempo, que inferiorizam e coisificam outros seres humanos. A jovem contesta sua mãe, comparando a estratificação de castas, tão abominável aos olhos de seus pais e extinta pela nova constituição indiana (1950), com a segregação, entre quatro paredes, no que tange às pessoas que lhes serviam. Sera acha a comparação da filha, extremamente, desproporcional e sem cabimento. Sera não era capaz de enxergar que, sendo uma *parse*¹⁰, o fato de separar utensílios, cadeiras e banheiros para sua empregada não a diferenciava de um hindu de casta superior que marginaliza os intocáveis e se sente superior e com maior dignidade. Sera não se esforçava para ver o quanto ela queimava, cotidianamente, a humanidade de Bhima quando a segregava por sua origem, por sua condição econômica ou por sua função. E, desse modo, ela refuta a acusação da filha, tentando convencê-la da inevitabilidade daquela atitude, já que Bhima fumava e poderia impregnar todas as xícaras da casa. O que a personagem tenta fazer é tirar o foco da principal razão de seu comportamento, o preconceito estrutural, e desviar para algo mais específico e, aparentemente, neutro como o vício de sua empregada.

Como uma forma de finalizar aquela conversa, Sera tenta mostrar para a filha que toda generosidade tem limites e qual é o papel de cada indivíduo dentro daquele teatro social, afirmando:

‘Speaking of which, I heard you inciting Bhima the other day to ask for a raise. Listen, Dinaz, no matter what you think, you belong to this family, not Bhima’s. I think when all is said and done, the Dubash family treats its servants better than almost anybody else we know’. [...] The thought of Bhima sitting on her furniture repulses her. The thought makes her stiffen, the same way she had tensed the day she caught her daughter, then fifteen,

¹⁰ Como a Índia é uma cultura múltipla por suas várias línguas, religiões e culturas, além da predominância de hindus, muçulmanos e sikhs, o país também tem outros grupos étnicos como é o caso da família de Sera e de suas amigas que são *parses*, povo que veio da Pérsia, hoje Irã, entre os séculos XVIII e X a fim de escaparem de seus perseguidores, os árabes muçulmanos. Instalando-se, principalmente em Bombaim (atualmente, Mumbai), em sua maioria, permaneceram leais aos seus costumes e à sua religião, o zoroastrismo.

giving Bhima an affectionate hug¹¹ (UMRIGAR, 2006, p. 28).

A atitude de Diraz de achar justo Bhima buscar seus direitos e solicitar aumento de salário não parece ser um posicionamento adequado para Sera, cuja posição é deixar claro, contradizendo sua fala anterior, que a adolescente não pertence à família da serviçal, que há, sim, duas famílias, dois grupos sociais e que as distâncias precisam ser respeitadas. Na mentalidade da mãe de Diraz, as escolhas da filha possuíam incoerência e estranheza. A personagem externa seus pensamentos, ao salientar o quanto sua família fez e faz por seus subordinados. Para Sera, tolerar alguns atrasos de Bhima, permitir que ela tome chá e converse com a patroa, pagar uma bolsa de estudos para Maya dentre outras benevolências já eram suficientes para que a relação não fosse opressora e, conseqüentemente, equitativa. No mesmo trecho do romance, a narração onisciente descreve a repugnância sentida por Sera ao imaginar sua subalterna, oriunda da *basti*¹², sentada em suas poltronas e ao se recordar do momento em que presenciara um abraço da amada filha na empregada.

Na maior parte da obra, é Bhima que está presente na casa e na realidade de Sera, mas há um momento na trama no qual a patroa se recorda da experiência de ter sido obrigada a visitar sua empregada na comunidade, pois Bhima estava com tifo. No decorrer da narrativa, tem-se acesso aos sentimentos despertados na patroa ao se aproximar de um bairro periférico e ver, de perto, as reais condições em que viviam as pessoas mais pobres. O prédio de Sera ficava a quinze minutos a pé da favela¹³, mas a senhora de

¹¹ -Falando nisso, outro dia ouvi você incentivando Bhima a pedir um aumento. Olhe, Dinaz, não importa o que você pense, você pertence a esta família, não à de Bhima. Acho que, no fim das contas, a família Dubash trata os seus empregados melhor do que qualquer pessoa que a gente conheça. [...] e, mesmo assim... a simples ideia de Bhima sentada em suas poltronas a repugna. Só de pensar nisso fica tensa, exatamente como naquele dia em que pegou a filha, então com 15 anos, dando um abraço carinhoso em Bhima (UMRIGAR, 2008, p. 42).

¹² *Basti*: Palavra em hindi que significa uma comunidade onde residem pessoas pobres.

¹³ A palavra “favela” teve origem, no Brasil, a partir da obra literária, *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909), pois ao tratar sobre a guerra de Canudos, relatou a ocupação de soldados em um morro que possuía uma vegetação comum no sertão baiano, denominada favela. Deste modo, o morro da favela influenciou a nomenclatura de vários bairros, em morros ou não, formados por construções precárias e irregulares, e habitados por pessoas pobres. Quase no final do século XX, o termo foi sendo substituído por “comunidade”, a fim de que a carga pejorativa, associada à extrema pobreza e ao alto índice de criminalidade, não consolidasse estereótipos. No entanto, o termo “favela” ainda é muito

classe média “[...] felt as if she had entered another universe¹⁴.” (UMRIGAR, 2006, p. 113). “Sera had wanted to turn away, to flee this horrific world and escape back into the sanity of her life. But her concern for Bhima propelled her forward¹⁵” (UMRIGAR, 2006, p. 113-114). É uma realidade muito comum as grandes favelas estarem muito próximas, geograficamente, dos bairros mais nobres e, normalmente, as mulheres e homens pobres são as cozinheiras, faxineiras, jardineiros e pedreiros nas casas dos ricos. A riqueza e a comodidade dos que mais têm são amparadas, diretamente, pela força de trabalho daqueles que são marginalizados constantemente.

Ao andar pelas vielas, Sera se sentia, segundo o romance, “[...] like an alien, a space invader who had stumbled upon a different planet¹⁶” (UMRIGAR, 2006, p. 114). É muito simbólico Umrigar utilizar palavras e expressões como “alienígena” e “planeta diferente” para expressar o que se passava no interior da patroa de Bhima. Pois a força motriz de todo processo de subalternização e opressão é a ideia de que o outro não é humano e não faz parte do mesmo planeta civilizado e evoluído no qual pessoas “de verdade” residem. Este foi um dos motivos principais para que a escravidão existisse. Não havia identificação ou empatia com os corpos a serem escravizados. Esta crença cruel, também, desencadeou o colonialismo empreendido pela Europa, pois para os países imperialistas, os povos a serem desbravados, explorados e subjugados eram, indubitavelmente, inferiores. Sera sabia que as pessoas da comunidade estavam habituadas a verem madames bem vestidas quando iam ao centro ou quando iam prestar serviços, mas para ela, caminhar por aqueles becos era algo inusitado, como salientado neste excerto: “They were familiar

utilizado, principalmente, em letras de música, na literatura e na arte das comunidades periféricas como forma de ressignificar seus territórios e seus corpos marginalizados. Na versão em inglês, a autora utiliza termos como *slum* e *basti* e na versão em português, estas palavras foram traduzidas como “favela”.

¹⁴ “[...] teve a sensação de estar entrando em outro universo” (UMRIGAR, 2008, p. 146, tradução de Paulo Andrade Lemos).

¹⁵ “Sera quis voltar atrás para fugir desse mundo horrível e retornar para a sua vida saudável. Mas a preocupação com Bhima a impulsionou a ir adiante” (UMRIGAR, 2008, p. 146-147, tradução de Paulo Andrade Lemos).

¹⁶ “[...]sentisse ainda mais alienígena ali, uma invasora espacial que tinha vindo parar num planeta diferente” (UMRIGAR, 2008, p. 147, tradução de Paulo Andrade Lemos).

with her world; the novelty was in having someone from her world step into theirs¹⁷” (UMRIGAR, 2006, p. 114).

Ao chegar na casa de Bhima, Sera se sente constrangida por ser tão bem tratada. Maya sai para comprar *Mangola*, o refrigerante preferido da patroa da avó, os vizinhos conseguem um banco de madeira para que a fina madame não precisasse se sentar no chão:

The generosity of the poor, Sera marveled to herself. It puts us middle-class people to shame. They should hate our guts, really. Instead, they treat us like royalty. The thought of how she herself treated Bhima – not allowing her to sit on the furniture, having her eat with separate utensils – filled her with guilt¹⁸ (UMRIGAR, 2006, p. 115).

Todo este exame de consciência diante da hospitalidade de Bhima fez Sera tomar a decisão de levar a empregada doente para uma consulta com seu médico e, também, para a sua casa, onde a enferma teria uma cama confortável para dormir e melhores condições para sua recuperação. No entanto o gesto de caridade da patroa estava mesclado com uma sensação de asco que sempre estava presente quando se tratava da mulher que a servia e do mundo ao qual pertencia: “The thought of her sleeping on one of their beds had been too repulsive to Sera¹⁹” (UMRIGAR, 2006, p. 115).

Sera tentava se sentir mais próxima de Bhima, vê-la como uma amiga, afinal de contas, foi sempre esta mulher da favela que ouvia seus desabafos, que tomava chá com ela, partilhando segredos. Foi Bhima que, inúmeras vezes, cuidou dela após as surras levadas por seu marido, Feroz. Era a sua empregada que lhe dava conselhos para reerguer sua auto estima, que a consolou durante sua viuvez, que ajudou a criar sua filha Diraz e que providenciou Maya para cuidar de sua sogra idosa e doente. Sera sentia que

¹⁷ “Seu mundo era familiar para eles. A novidade era alguém do seu mundo entrar no mundo deles” (UMRIGAR, 2008, p. 147, tradução de Paulo Andrade Lemos).

¹⁸ “Ah a generosidade dos pobres”, pensava Sera admirada. “É de nos deixar com vergonha, a nós da classe média. Na verdade, eles deveriam nos odiar. Em vez disso, nos tratam como se fôssemos a realeza”. Só de pensar em como tratava Bhima não permitindo que se sentasse nas cadeiras e poltronas, fazendo com que comesse com louça e talheres separados -, ficou cheia de culpa” (UMRIGAR, 2008, p. 148, tradução de Paulo Andrade Lemos).

¹⁹ “A idéia de vê-la dormindo em uma das camas repugnava Sera” (UMRIGAR, 2008, p. 149, tradução de Paulo Andrade Lemos).

deveria ser mais grata a Bhima, mas o contexto social lembrava-a, constantemente, que cada uma tinha que permanecer no seu devido lugar. Havia uma hierarquia que não deveria ser quebrada e, para ela, era natural que assim o fosse. No interior da patroa, o preconceito causava conflitos e ela teimava em acreditar que, de fato, tratava sua empregada como se fosse da família, mesmo tendo repulsa por tudo que Bhima era e representava:

The smells and sights she had encountered in the slum were still too fresh, as if they had gotten caught in her own hair and skin. Each time she thought of the slum, she recoiled from Bhima's presence, as if the woman had come to embody everything that was repulsive about that place. For many years, Sera had marveled at how clean and well-groomed Bhima was. Now, when it was time to give Bhima her pills, Sera made sure that she plopped them in Bhima's open palm without making contact. And for the next few weeks, she zealously kept Dinaz away from Bhima. She told herself it was because of the fever, but she had also wanted to protect her daughter from the sheen of dirtiness she now saw each time she looked at her servant²⁰ (UMRIGAR, 2006, p. 115-116).

A narrativa de Umrigar faz eclodir diversas questões que problematizam a suposta generosidade da patroa. Sera leva Bhima para sua casa por que, de fato, preocupa-se com sua saúde e bem estar ou por que já está aflita sem sua funcionária que limpa, lava e cozinha? É uma relação afetiva que conduz Sera à comunidade em busca de Bhima ou é aquela costumeira dúvida que perpassa a cabeça de muitas patroas sobre a veracidade das doenças e das faltas de suas empregadas domésticas? Sera queria mostrar solidariedade ou comprovar o quão debilitada sua funcionária estava?

²⁰ “Os cheiros que sentiu e as visões que teve na favela ainda estavam muito frescos em sua memória, como que impregnados na sua pele e no seu cabelo. Cada vez que pensava na favela, encolhia-se diante de Bhima, como se aquela mulher personificasse tudo de repulsivo que havia naquele lugar. Durante muitos anos, Sera se maravilhou com a limpeza e a arrumação de Bhima. Agora, na hora de lhe dar os remédios, Sera fazia questão de deixar cair as pílulas na palma da mão de Bhima sem encostar nela. Durante as semanas seguintes, manteve Dinaz cuidadosamente afastada de Bhima. Disse a si mesma que era por causa da febre, mas, na verdade, queria também proteger a filha daquela pátina de sujeira que via cada vez que olhava para a empregada” (UMRIGAR, 2008, p. 149, tradução de Paulo Andrade Lemos).

Em um momento posterior na narrativa, Sera e Diraz estão em uma visita a uma velha amiga e, em meio a muitos assuntos conversados, a patroa de Bhima se queixa do recente comportamento de sua empregada, a qual parece distante e tem chegado atrasada com frequência. O que a mãe de Diraz omite é o possível motivo para esta mudança de comportamento de sua funcionária. Maya foi, praticamente, pressionada pela família a realizar um aborto, já que o pai era desconhecido e a criança seria mais um estorvo para o futuro acadêmico da jovem. A própria Sera acompanhou a garota à clínica para que o aborto fosse feito. Ninguém perguntou a Maya o que, de fato, ela queria, sobre o porquê de seu silêncio quanto à identidade do pai ou sobre as experiências, igualmente traumáticas, de conceber e matar aquele bebê. A avó, que convivia com a adolescente, percebeu como a jovem pareceu deprimida e sem perspectiva dias depois de ter, aparentemente, solucionado seu problema. E Bhima ainda estava inquieta e preocupada, pois não havia descoberto quem tinha engravidado sua amada neta.

Diante dos murmúrios de Sera, sua amiga Aban, achando-se plena de experiência e de sabedoria, exprime o que acha da situação para todos os presentes e, em seguida, outra colega concorda com sua colocação e ainda salienta a periculosidade de todas as domésticas:

That's what you get when you treat the servant like the mistress of the house,' Aban says promptly. 'Pardon my saying so, Sera, but I've told you for years that Bhima will take advantage of you. Say what you will, these ghatís are ghatís. We Parsís are the only ones who treat our servants like queens. And it always backfires. [...] Another guest, who Sra knows lives in Aban's building, pipes up. 'I tell you, though, Aban is correct. You can't treat these people too well. Best to keep them at some distance. Otherwise they will take advantage of you, hundred percent guaranteed. [...] They are like snakes, these people²¹ (UMRIGAR, 2006, p. 170-171).

²¹ “- É isso que acontece quando se trata a empregada como patroa-diz Aban prontamente.-Me perdoe por dizer isso, Sera, mas tenho lhe dito todos esses anos que Bhima ia acabar se aproveitando de você. Digam o que disserem, mas esses *ghatís* são sempre *ghatís*. Nós, parse, somos os únicos que tratam as empregadas como rainhas. E sempre recebemos o troco. [...] Uma outra convidada que mora no prédio de Aban se intromete.

Aban fala, demonstrando grande orgulho por ser parse e de como seu povo trata as empregadas como verdadeiras realezas. Mais uma vez, é possível ver como muitos grupos sociais, economicamente privilegiados, enxergam-se na relação com os mais pobres e como há uma grande dificuldade em perceber o discurso superior e hipócrita nos próprios lábios.

Quando uma das convidadas concorda com Aban e afirma: “Não se pode tratar essa gente bem demais.”, ela já propõe uma distinção clara entre elas, patroas, parses e civilizadas de um lado e as domésticas, “essa gente” não confiável e aproveitadora, do outro. Para alertar Sera, Aban utiliza uma expressão para inferiorizar, ainda mais, as mulheres simples que servem em seus lares: “Digam o que disserem, mas esses *ghatis* são sempre *ghatis*.” Neste momento, a autora opta por deixar os termos na língua marati, uma das muitas línguas locais indianas, talvez para mostrar a insuficiência do idioma do colonizador para descrever certas situações culturais ou, também, para aproximar mais o que foi dito do sentimento de quem disse, isto é, alguém que reside em Mumbai, mas não pertence aos maratas. O povo Marata é um grupo étnico e plural, falante de múltiplas línguas indo-arianas, que se consolidou como grande Império *Maratha* de 1674 à 1818 no território que, atualmente, fica parte na Índia, parte no Paquistão.

Quando a amiga de Sera se refere às serviçais como *ghatis*, ela está utilizando um termo que é considerado ofensivo e pejorativo para muitos maratas, cujo orgulho de sua origem e dos feitos de seu povo é uma constante. O termo *ghati* pode se referir a pessoas que vivem nas montanhas, chamadas de *ghats* na língua Marati. Porém, como, antigamente, as pessoas que viviam neste território montanhoso não tinham oportunidades para os estudos e tinham menos acesso a outras culturas e a outras visões de mundo, quando, na contemporaneidade, um não marata se refere a um indivíduo marata como um *ghati*, ele o faz com a conotação de atrasado, primitivo e não civilizado. A ignorância por trás do estereótipo, mais uma vez, faz com que um grupo étnico se sinta superior a outro, capaz de negar todas as contribuições

- Acho que Aban está certa. Não se pode tratar essa gente bem demais. É melhor manter uma certa distância. Se não, eles acabam se aproveitando de você, com toda certeza. [...] São umas cobras essas mulheres” (UMRIGAR, 2008, p. 215-216, tradução de Paulo Andrade Lemos).

relevantes e essenciais dadas por outros povos. Dr. B. A. Ambedkar (1891-1956), por exemplo, sendo um marata e, também, dalit, não deixou de ser o grande jurista, economista e reformador social que presidiu as assembleias constituintes de seu país, sendo, assim, considerado o pai da constituição indiana na qual foi abolido o sistema de castas e criminalizada a prática da intocabilidade.

Em sua famosa obra *The annihilation of Caste* (1944 [1936]), Ambedkar, o pensador indiano salientou: “There is no code of laws more infamous regarding social rights than the Laws of Manu²²” (AMBEDKAR, 1944, p. 56). O Código de Manu, um dos textos mais antigos no âmbito jurídico, é a legislação que estabeleceu o sistema de castas na sociedade hindu e, para o jurista político, ela é um grande retrato de desumanidade. No que tange à compreensão deste assimétrico sistema na Índia, Ambedkar explicita na mesma obra: “The caste system does not demarcate racial division. The caste system is a social division of people of the same race²³” (AMBEDKAR, 1944, p. 34). O que o autor destaca é o fato de que para além da origem dos intocáveis e da cor mais escura de suas peles, há uma segregação, claramente, sócio econômica entre os cidadãos das altas castas, os sudras, casta mais baixa, e os intocáveis.

Voltando ao excerto do romance supracitado, no qual a desigualdade social ainda impera, a colega de Aban compara as empregadas domésticas com cobras, animais que, comumente, são conhecidos como traiçoeiros e perigosos. No entanto, com grande destreza narrativa, a autora revela quem foi a verdadeira cobra em toda a trama, Viraf, genro de Sera. Já quase no fim do romance, no capítulo XXI, Bhima descobre o que, realmente, aconteceu com Maya:

And now she must live with the earth-shattering knowledge that Viraf Davar was the father of Maya's dead child. While she, Bhima, had looked suspiciously at every youth and middle-aged man in the slum, while she had

²² “Não há código de leis mais infame em relação aos direitos sociais do que as Leis de Manu” (AMBEDKAR, 1944, p. 56, tradução minha).

²³ “O sistema de castas não demarca divisão racial. O sistema de castas é uma divisão social de pessoas da mesma raça” (AMBEDKAR, 1944, p. 34, tradução minha).

foolishly imagined her granddaughter in a kitchen with shiny pots and pans, it had never occurred to her to look for the snake under her very nose²⁴ (UMRIGAR, 2006, p. 267).

Viraf ficou preocupado quando descobriu que Bhima já sabia sobre o mal que ele havia feito a Maya. Sim, um mal, pois a jovem foi atraída, estuprada e abandonada. Sem contar todo o incentivo do esposo de Diraz para que a neta da empregada abortasse. Para o jovem e rico Viraf, Maya era apenas um corpo que ele poderia usar quando bem entendesse e depois descartá-lo como se nada tivesse acontecido. Embora a jovem estivesse estudando com a bolsa concedida por Sera, Maya jamais chegaria à dignidade de uma moça como Diraz. Na visão do rapaz, ela sempre seria a pobre e favelada garota que, por ser bonita de corpo, foi culpada por tentá-lo de modo sensual. Após usar a adolescente, inocente e virgem, Viraf toma um banho e incita Maya a fazer o mesmo para tirar todo e qualquer vestígio do acontecido e vendo-a desolada no canto do quarto, ele diz: “Yes, that was a bad thing you did, tempting me like that, taking advantage of me while I was in a weak mood”²⁵ (UMRIGAR, 2006, p. 279). A jovem tenta confrontar as palavras do patrão, mas ele a silencia e a faz prometer que não contará nada a ninguém, principalmente para não magoar Diraz que está gestante.

Bhima é despedida do emprego porque Viraf inventa para Sera que a empregada roubou uma quantia em dinheiro. Ele a ofende e a humilha, chamando-a de descarada e criminoso e antes que ela o acuse pelo que fez a Maya, Viraf tenta descredibilizá-la perante a sogra, cuja dúvida no rosto vai se tornando uma raiva crescente por Bhima a ponto de expulsá-la do emprego, prometendo-lhe uma última benevolência, não chamar a polícia. A humilde e trabalhadora senhora sai da casa de Sera, onde serviu por tantos anos. Humilhada e desprezada, sentindo-se sem chão, Bhima começa a refletir sobre

²⁴ “E agora tinha que conviver com a consciência arrasadora de saber que Viraf Davar era o pai da criança morta de Maya, enquanto ela, Bhima, suspeitou de todos os jovens e homens da favela, enquanto tinha se humilhado diante daqueles rapazes debochados na faculdade de Maya, enquanto tinha ingenuamente imaginado sua neta numa cozinha com pratos e panelas brilhando. Nunca lhe passou pela cabeça procurar a serpente debaixo do próprio nariz.” (UMRIGAR, 2008, p. 341, tradução de Paulo Andrade Lemos).

²⁵ “É, foi muito feio o que você fez, me tentando daquele jeito, se aproveitando de mim quando eu estava mais fragilizado” (UMRIGAR, 2008, p. 356, tradução de paulo Andrade Lemos).

sua vida e percebe um misto de angústia com liberdade. Ela sente certa gratidão pela traição de Viraf, pois conseguiu se desvincular do que a mantinha presa por muito tempo. E caminhando para o final do romance, a desempregada senhora decide comprar vários balões e o vendedor pergunta se é para alguma festa na casa da patroa, mas Bhima, de modo seco, responde: “ ‘I have no mistress’ [...] And instead of tasting as bitter as aspirin, instead of tearing her mouth like jagged pieces of glass, the words taste sweet[...]. ‘Hah. No mistress’, she repeats.²⁶” (UMRIGAR, 2006, p. 317). No desamparo da demissão, a protagonista encontra um amparo mais seguro em si mesma, capaz de impulsionar e ressignificar sua existência.

Referências

AMBEDKAR, Dr. B.R. *The Annihilation of Caste*. New York: Columbia University, 2004.

BHARATI, Shivram. *Women in Indian Literature*. New Delhi: D.P. S. Publishing House, 2010. 264 p. [ebook]

DALCASTAGNÈ, Regina. O lugar da fala. In: DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2012. p. 17-48.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. 10 ed. Salvador: Ática, 2019 [1960].

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. Salvador: Planeta, 2012 [1997].

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020 [1977].

NAIR, Anita. Female desire takes the power equation out of patriarchy's hands: Anita Nair. Entrevista feita por Paromita Chakrabarti. Postada em 14 de Outubro de 2018. *The Indian Express*. Disponível em: <<https://indianexpress.com/article/express-sunday-eye/anita-nair-interview-5400287/>>. Acesso em: 25 Out. 2020.

UMRIGAR, Thrity. *A distância entre nós*. Tradução de Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira (Pocket Ouro), 2008.

²⁶ “-Não tenho patroa [...]. E em vez de serem amargas como aspirina, em vez de lhe rasgarem a boca como cacos de vidro afiados, as palavras são doces [...].-Não tenho patroa-repetiu ela” (UMRIGAR, 2008, p. 405, tradução de Paulo Andrade Lemos).

UMRIGAR, Thrity. *The Space Between Us*. London, Fourth State, 2006.

Recebido em 20 de novembro de 2020

Aceito em 15 de dezembro de 2020